



ÓRGÃO DE UNIDADE DOS CAMPONESES DO NORTE

Nº 24 — 2ª SÉRIE

MAIO DE 1972

PREÇO \$50

LUTA VITORIOSA DOS PRODUTORES DE LEITE DE AVEIRO

Mais de 4.000 pequenos produtores de leite da região de Aveiro, culminando uma luta de vários meses, recusaram-se a entregar o leite nos postos de recolha da Federação dos Grémios da Lavoura de Entre-Douro e Mondego, preferindo entregá-lo nas salas de ordenha recentemente criadas pela sua cooperativa, a Cooperativa Agrícola Leiteira de Aveiro, Ílhavo e Vagos.

Em virtude desta acção dos camponeses, que teve lugar no mês de Fevereiro, a Federação requisitou a G.N.R. de Aveiro para impedir que a recolha do leite fosse feita pela Cooperativa e obrigar os produtores a entregá-lo à Federação.

Porém, apesar do aparato da repressão, os camponeses unidos mantiveram a recusa de entregar o leite à Federação.

Reagindo corajosamente às ameaças dos guardas, responderam que preferiam deitar o leite na valeta a entregar-lho.

Perante a firmeza dos camponeses, a G.N.R. abandonou o local sem conseguir os seus intentos.

A onda de protestos contra a presença da G.N.R. no local e a resistência firme oposta pelos camponeses, levou o Governador Civil a intervir directamente para tentar acalmar os ânimos, tendo proibido, segundo consta, a G.N.R. de voltar a meter-se no caso.

Esta vitória dos pequenos produtores de leite, conseguida graças à sua firmeza e unidade, é um bom exemplo para os cam-

poneses desta e outras regiões, a quem os organismos corporativos fascistas da lavoura exploram indecentemente.

Os pequenos produtores da região de Aveiro vinham há muito sendo sugados pela Federação dos Grémios da Lavoura que pretendia continuar a recolher o leite para salvaguardar os interesses dos industriais de lacticínios, garantindo-lhes os chorados lucros que lhes advêm do tratamento do leite. Contra esta exploração, os camponeses defenderam os seus interesses, pois entregando o leite na sua Cooperativa que agrupa cerca de 4.000 a 5.000 pequenos produtores, beneficiarão dos lucros da transformação do leite. Depois da criação da sua Cooperativa, os associados começaram a desfrutar da oportunidade de entregar o leite produzido na União das Cooperativas Leiteiras de Sever do Vouga, onde este pode ser tratado. Eles sabem que já este ano, por exemplo, a União distribuirá entre os seus associados cerca de 1.500 contos, produto do tratamento do leite, e que doutro modo iria parar direitinho aos bolsos dos industriais.

Por isso é que a Federação dos Grémios, defendendo os interesses dos industriais de lacticínios assim como o seu papel de intermediária, tem movido uma guerra constante à Cooperativa, exercendo toda uma série de pressões e manobras para que esta não vingasse, fazendo tudo para que o leite continuasse a ser entregue nos seus vários postos de recolha.

LUTEMOS PELA REFORMA AGRÁRIA!

ACÇÃO DE PROTESTO CONTRA A I.G.A.E. NUM MERCADO DE AVEIRO

**GES
PCP**

Para lançar poeira aos olhos do povo, o governo fascista lançou os fiscais da Inspecção Geral das Actividades Económicas (IGAE) contra as vendedeiras dos mercados e os pequenos comerciantes, de modo a fazer crer que são estes os culpados da brutal subida do custo de vida. Nos últimos meses, as brigadas de fiscalização da IGAE têm andado numa roda viva, percorrendo os mercados e multando a torto e a direito os pequenos vendedores.

No dia 18 de Março, num dos mercados de Aveiro onde as brigadas da IGAE andavam a actuar, cerca de 75% das vendedeiras, camponesas que aí iam diariamente vender os seus produtos hortícolas, não compareceram no mercado. Foi uma acção massiva de protesto contra as brigadas de fiscalização que queriam obrigá-las a usar balanças para vender a hortaliça. As camponesas consideram que a pesagem das hortaliças lhes traz grandes dificuldades porque a maioria delas é analfabeta; e também muitas delas, para pagarem a balança, teriam

que vender mais caro, ou então veriam certamente o lucro de vários meses ir-se embora.

Algumas vendedeiras que se apresentaram com balança foram vaiadas pelas outras, tendo havido cenas de pancadaria para castigar as «amarelas».

Da parte da população houve também alguns protestos, na medida em que as donas de casa compreenderam que a compra da hortaliça a peso não lhes facilitava a vida, nem era isso que ia resolver o problema do aumento geral do custo de vida.

A reacção pronta e unida das vendedeiras foi uma forma de mostrarem a sua justa revolta contra a demagogia do governo cujas brigadas de fiscalização criam ainda mais dificuldades aos pequenos produtores agrícolas que vendem directamente os seus produtos à população, a preços mais baratos do que os estabelecidos pelos grandes intermediários que obtêm largas margens de lucro à custa da exploração dos produtores e dos consumidores.

AS VIDEIRAS AMERICANAS

Um documento com este título, datado de 15 de Abril e assinado por "Um grupo de agricultores", tem sido distribuído em várias regiões do Norte despertando o apoio e entusiasmo dos pequenos agricultores que produzem o vinho "americano". Transcrevemos a seguir alguns trechos desse documento:

"A Câmara Corporativa acaba de estudar um projecto de lei que estabelece multas de 7\$50 por cada pé de videira americana no 1º ano, 15\$00 no 2º ano e assim por diante, cada ano mais 7\$50, até chegar a 60\$00 por pé e por ano. Nós entendemos que esta medida é injusta.

Na nossa região há muitas zonas onde não é possível cultivar outras videiras senão as americanas, porque o clima não permite que as videiras de casta produzam. Por isso as pessoas que aí habitam não-de ficar sem vinho para o seu consumo? Nenhuma lei nos pode proibir de cultivarmos o que precisamos para nosso sustento.

"E, depois de várias considerações sobre o problema, o grupo de agricultores conclui:

"Não arrancaremos as nossas videiras porque precisamos delas para termos vinho para beber.

"É importante fazermos saber isso aos Senhores Presidentes das Câmaras para que eles levem ao Governo e à Assembleia Nacional o nosso descontentamento de modo que se não venha a aprovar esta lei que nós não podemos aceitar se se cumpria".

'ESTE GOVERNONÃO NOS SERVE!'

Quando da concentração de 1.000 pequenos criadores de gado no Grémio da Lavoureira de PAREDES, um deles tomou a palavra para expor os seus graves problemas, afirmando: «Se este Governo não nos serve, temos que pôr lá outro!»

— O apoio que estas palavras tiveram da grande massa dos agricultores presentes, expressa bem o aumento do descontentamento geral dos que trabalham a terra contra a política do governo, ruínosa para os pequenos e médios produtores agrícolas.

— Este Governo não nos serve! A verdadeira solução dos nossos problemas só se conseguirá pelo derrubamento do governo fascista e pela realização da Revolução Democrática e Nacional que, entre outras medidas, realizará a Reforma Agrária, entregando a terra a quem a trabalha.

GRANDIOSA MANIFESTAÇÃO DO POVO DO PORTO CONTRA A CARESTIA DA VIDA



Mais de 40.000 pessoas participaram na grandiosa manifestação do dia 15 de Abril contra a política do governo fascista e as guerras coloniais e, em particular, contra a brutal subida do custo de vida — resultado directo dessa política e das guerras coloniais.

Muito antes das 6 e meia da tarde, hora para que estava convocada a manifestação, já a Praça da Liberdade, Avenida dos Aliados e as ruas que aí desembocam, estavam peçadas de povo: operários, empregados, estudantes, jovens trabalhadores, intelectuais e um número muito grande de mulheres trabalhadoras e donas de casa.

As forças policiais, ameaçadoras, exibiam um aparato repressivo nunca visto no Porto, para impedir a manifestação.

Irromper com a manifestação, nestas circunstâncias, foi um acto de grande coragem popular. Os manifestantes não se deixaram amedrontar e a manifestação começou! No meio da Praça, foi erguida a bandeira nacional, surgiram cartazes contra a carestia da vida e reclamando aumento geral de salários e, de vários lados, foram lançados ao ar milhares de papéis com as palavras de ordem da manifestação, que as pessoas repetiam, gritando:

«Abaixo a carestia da vida! Aumento geral de salários! Abaixo as guerras coloniais! Feriado no 1.º de Maio! Abaixo o fascismo!»

As forças repressivas (PIDE, PSP, GNR, legionários e cães-policiais) carregam então brutalmente sobre os manifestantes, espancando-os com cassetêtes e matracas de ferro, batendo como loucos. Dezenas de pessoas são feridas e cerca de 50 levadas para a prisão. Só depois das 8 horas da noite o trânsito foi restabelecido nas ruas do centro.

— O povo do Porto mostrou valentemente a sua revolta contra a subida dos preços, dando provas da sua consciência de que «os culpados de tal situação não são, ao contrário do que o Governo pretende fazer crer, os pequenos e médios camponeses obrigados a vender os seus produtos pelos antigos preços, nem mesmo os pequenos comercian-

tes», como a D.O.R.N. do Partido Comunista dizia no manifesto que convocava a manifestação. O culpado por tal situação é o governo fascista com a sua política de guerras coloniais e de exploração, em proveito dos grandes capitalistas portugueses e estrangeiros.

LUTA CONTRA OS GRÉMIOS PARASITAS DA LAVOURA

No distrito de Viseu diversos camponeses têm sido executados judicialmente por falta de pagamento das suas cotas ao Grémio da Lavoura. Descontentes por se verem forçados a contribuir para um organismo parasitário como é o Grémio da Lavoura, muitos agricultores desta zona têm-se recusado a pagar. Como resposta, o Grémio montou diversos processos que foram entregues no Tribunal do Trabalho de Viseu, procedendo este a numerosas penhoras. As autoridades encarregadas destas penhoras têm chegado ao ponto de penhorarem alfaías agrícolas, carros de bois e outros objectos indispensáveis ao amanho das terras. Mesmo assim, muitos camponeses continuam a recusar o pagamento das cotas.

Por se ter recusado a esse pagamento, uma mulher foi presa. Logo o povo se manifestou em massa, tentando impedir a sua prisão e só a GNR, de armas aperradas, conseguiu arrancar do local a mulher, mantendo-a presa vários dias.

Este caso, conhecido em toda a região, fez aumentar ainda mais a revolta contra os fascistas dirigentes do Grémio.

Se os camponeses mantiverem firmemente a recusa ao pagamento das cotas, unindo-se todos para enviar exposições de protesto ao Governo e ao mesmo tempo fizerem concentrações junto ao Tribunal do Trabalho e ao Governo Civil de Viseu exigindo que acabem os processos e penhoras, poderão levar de vencida a sua justa luta contra o papel parasitário dos Grémios, ao serviço do Governo e dos grandes lavradores para explorar os pequenos.

ABAIXO A EXPLORAÇÃO DA MADEIRER!

A «MADEIRER» é o grande monopólio da compra da madeira em Portugal. Representa a força do grande capital na industrialização da madeira. É ela que impõe os preços, que limita as entradas do eucalipto e quase proíbe a do pinheiro. É dela que depende em grande parte a situação económica de milhares de pequenos produtores florestais.

Ao fazer constar que a produção da madeira era insuficiente, a «MADEIRER», com o apoio do governo e da sua organização corporativa, pretendeu que se aumentasse mais e mais a produção, até se chegar à situação actual em que, não consumindo toda a madeira existente, impõe para a sua compra um preço baixíssimo, de autêntica ruína para os pequenos camponeses.

Porquê esta situação? Como se chegou a ela? Várias causas se podem apontar:

1ª. — Foram as maiores empresa industriais da celulose que se uniram para formar a MADEIRER conseguindo assim que, sendo esta o único comprador, manobre à sua vontade, domine o mercado da madeira e imponha os preços.

2ª. — Através da MADEIRER a grande indústria da celulose obtém matéria-prima barata à custa da exploração dos pequenos produtores. Depois, no processo de industrialização, explora os operários da celulose a quem paga baixos salários e exige grandes ritmos de produção. Assim, graças à dupla exploração dos camponeses e dos operários, os grandes industriais portugueses e estrangeiros da celulose conseguem os seus fabulosos lucros.

3ª. — Esta manobra só é possível porque é protegida e impulsionada por um Governo fascista que tem como único objectivo a defesa dos interesses dos grandes capitalistas portugueses e estrangeiros.

4ª. — Os produtores de madeira (apesar de algumas tentativas sem o resultado desejado) nunca se associaram. Compreendendo mal os seus interesses, até por vezes entram em rivalidade e concorrência uns contra os outros, em vez de procurarem resistir unidos à exploração dos industriais da celulose. Estes, explorando esse isolamento, e como a

divisão enfraquece, têm tido o caminho facilitado para levar por diante a sua política de exploração capitalista.

Mas, perante esta situação, vamos continuar dispersos e desunidos permitindo que nos continuem roubando descaradamente? Não! Nós, que somos os principais interessados, temos que unir-nos e encontrar todos juntos o caminho para a defesa dos nossos interesses.

Impõe-se que se organizem reuniões amplas, nas freguesias e concelhos atingidos pela exploração da MADEIRER. Que se utilizem as salas das Juntas de Freguesia para o efeito. Que dessas reuniões saiam exposições e comissões de camponeses que apresentem ao Governo as suas reivindicações e exijam rápida solução para os seus problemas.

É necessário exigir do Governo:

— que seja permitido aos pequenos produtores associarem-se livremente para defenderem os seus interesses, tal como foi permitido aos industriais da celulose a criação de um organismo único para a compra da madeira;

— que o Governo estabeleça preços compensadores para a compra da madeira de modo a assegurar os interesses dos produtores;

— que o Governo crie um regime de exportação da madeira que garanta, sem intermediários parasitas, o consumo da produção florestal.

Só unidos e activos poderemos defender os nossos interesses face aos tubarões da indústria da celulose.

LUCROS DE ALGUMAS EMPRESAS DA INDÚSTRIA DA CELULOSE EM 1970 (em contos)

SOCEL (Soc. Ind. de Celulose)	35.582
Comp. Portuguesa de Celulose	57.966
Celuloses do Guadiana	12.508

De 1969 para 1970 a SOCEL aumentou os lucros em 14.102 contos; no mesmo período a Comp. Port. de Celulose aumentou os lucros em 12.710 contos.